

Almas das que não foram desposadas,
Como bandos de rolas erradias,
Angélicas visões de bem-amadas,
Mortas na aurora rútila dos dias...

Virgens mortas! Tristíssimas oblatas
De um sacrário de luz piedoso e santo,
Que sonhais entre os tálamos celestes,

Entoai nos céus as tristes serenatas
Com as vossas roxas túnicas de pranto,
Cantando à luz do amor que não tivestes!...

A derradeira mensagem

Restam apenas agora algumas ligeiras linhas. É a pequena mensagem de Emmanuel, grafada já quando a assistência, conforme dissemos, começava agitar-se um pouco, na impaciência muito compreensível de ler as páginas já escritas.

Essa mensagem é uma rápida observação sobre aquele momento, como se vê pelo seu teor que é o seguinte:

"Meus filhos, a fenomenologia espírita não objetiva maravilhar os vossos olhos! O que me ocorre dizer é que deveis guardar, do observado, as vossas conclusões morais.

Os espíritos comunicantes não se acham aqui em vosso meio, pessoalmente, mas transmitiram as suas mensagens de um plano distante, fenômeno este que podereis avaliar, com as vossas ondas hertzianas, segundo a lei analógica da qual me sinto na necessidade de utilizar. Esses trabalhos não são tão simples, porém, com a misericórdia divina, eu me conservei aqui auxiliando o médium para que não fossem de um efeito contraproducente as vibrações das mentes que aqui se encontram na sua diversidade de opiniões e pensamentos.

Deus vos guie."

Eis aí expostos os resultados, a produção psicográfica da sessão de anteontem.

A seguir, exporemos as opiniões e impressões que colhemos da assistência, ao fim da reunião.

E depois... Ah! Mas isto ainda é segredo... Calemos, por enquanto...

OLHOS DE MÉDICO, DÚVIDAS DE JUIZ... – UMA RESPOSTA DO OUTRO MUNDO – ESPÍRITOS, BARBAS BRANCAS E KARDEC – E FREUD...

PEDRO LEOPOLDO, 26 (Do enviado especial do GLOBO, Clementino de Alencar) – Não nos foi difícil colher algumas impressões entre as pessoas de mais destaque presentes à sessão de anteontem à noite. A comunicabilidade se estabelecia, naturalmente, sobre as várias páginas psicografadas.

As opiniões, porém, assumem variadas nuances, desde a negação pronta dos materialistas até à crença dos que admitem o sobrenatural.

O Sr. José de Carvalho, por exemplo, prefeito e médico, de quem aqui se contam feitos realmente notáveis como cirurgião, vê os trabalhos do "médium" com o olhar franco, direto da sua ciência positiva. Não crê na comunicação com os mortos. A sua observação, como médico, entretanto, é esta: durante aquele período em que, no julgar dos espíritas, se dá a "comunicação", não se achava o rapaz em seu estado normal; alguma coisa fora do comum, – êxtase? alucinação? – fosse o que fosse havia no seu todo, capaz de preocupar o médico.

Outras dúvidas

O juiz Dario Lins não faz uma negação relativa, propriamente, ao espiritismo.

É, porém, dos que não acreditam muito nas faculdades mediúnicas de Chico Xavier, apesar de toda a produção escolhida.

Lembra, por exemplo, o fato de ter a mão do "médium" estacado, a certa altura, obrigando o presidente da mesa a pedir concentração. E conclui:

— Pois se o rapaz confessa que, às vezes, até quando sozinho, recebe espíritos, por que essa dificuldade observada na sessão, onde, além dele, havia mais cinco pessoas — ou outros componentes da “corrente” — concentradas, e, a meu julgar, propiciando ainda mais a “comunicação”? Parece-me que ali o “transe” então devia ser mais seguro, mais profundo. No entanto, observou-se aquele enfraquecimento...

A resposta vem do outro mundo...

Quando o juiz Dario Lins assim falava, nós já tínhamos no bolso, uma resposta às suas dúvidas e indagações.

E uma resposta vinda do outro mundo...

Expliquemos: Aquilo que o Sr. Dario chamara de “enfraquecimento”, a parada da mão do médium em meio à comunicação certamente já ocorrerá em sessões anteriores, e tal fato provocara, no próprio “médium”, indagação análoga à do juiz. E um espírito, “Marta”, respondera do Além, numa mensagem recebida na sessão de 21 de março de 1934, e que encontráramos no “arquivo” de Chico Xavier.

Essa comunicação referente ao “modus operandi” dos espíritos, como outra de Emmanuel de que já enviamos um trecho, diz o seguinte:

“Meu caro amigo.

Quereis saber por que recebeis, às vezes, comunicações dos espíritos fora das vossas reuniões habituais, quando desejareis psicografá-las ao lado dos vossos companheiros.

Vou responder a essa argüição.

Ainda não compreendeis na Terra como se opera o fenômeno da comunicação dos desencarnados. Ela se faz — expressando-me de forma a me compreenderdes de um modo geral, já que para entenderdes minuciosamente não estais preparados — ela se faz só por afinidades.

Um espírito, em se manifestando, necessita sintonizar o cérebro que recebe à sua influência. Sintonização de vibrações espirituais.

O médium, pelos seus sentimentos de moral, pelo recolhimento e pela prece, aumenta as suas vibrações; os libertos da carne, já evoluídos, pelos bons desejos que os animam de esclarecer e ensinar os seus semelhantes, restringem e reduzem as suas, entrando assim dentro do círculo acanhado em que viveis.

O essencial para que o fenômeno se verifique, é a homogeneidade dos pensamentos, porque os espíritos não conhecem as distâncias de espa-

ço; para eles, existem as distâncias psíquicas, e estas, muitas vezes, impossibilitam a sua ação.

Numa reunião, nem sempre existe a afinidade requerida, fator principal de um ambiente favorável, resultante das vibrações simpáticas entre os assistentes e daí a preferência de alguns desencarnados pelo isolamento para certa ordem de trabalho. — Martha”

Tínhamos a resposta no bolso; mas não a exibimos. Não estávamos em propaganda...

As barbas brancas

Outro ponto que suscitou comentários dos que não crêem, foi aquela parte da mensagem de Humberto em que aparece um espírito ancião de “longas barbas de neve”.

— Espírito de barbas? — é a indagação da dúvida.

Desta vez, não tínhamos a resposta no bolso. Mas um espírita nos diz que ela já está de há muito grafada, em ampla explanação, nos livros de Kardec. Os espíritos assumem uma imagem divisível...

A nós, pareceu-nos que a figura de ancião de barbas brancas era pelo menos uma “imagem literária” indispensável ao cronista, fosse ele do Além ou daqui mesmo.

Freud, etc.

O Sr. Maurício de Azevedo apela para Freud.

A seu ver, ocorrem fatos, fenômenos tais, que bem nos convidam a atentar na hipótese de trazermos, muitos de nós, no fundo da nossa mentalidade, a sedimentação de várias civilizações e culturas anteriores.

Seria muito tolo!

Há, porém os que vêm no caso, um fenômeno realmente espírita, e, por conseguinte, admitem a doutrina.

Estes, refutam todas as dúvidas e a idéia de fraude pela consideração de que, se Chico Xavier tivesse capacidade para criar tudo o que grava nas sessões, e má fé suficiente para “embrulhar” os crentes; ou, se representasse de “médium” a serviço de “vivos”, então:

— Ele seria também muito tolo para se submeter à condição, em que vive, de um pobre caixearinho de venda do sertão, ganhando 90\$ por mês!

E acrescenta, citando nomes, uma exposição de oferecimento de melhores colocações, fora de Pedro Leopoldo feitas a Chico Xavier por admiradores seus.

O rapaz, porém, nunca aceitou tais ofertas, respondendo aos seus amigos que de forma alguma deixará a venda de “seu” Zé Felizardo.

“Seu” Zé é padrinho dele e o rapaz lhe tem grande afeição. Só a morte do patrão poderá afastá-lo daquele posto.

Humildade e renúncia.

Assombrações no outro mundo...

A seguir enviaremos, retirada do arquivo do “médium”, mais uma das mensagens atribuídas a Humberto de Campos, e que, segundo afirma uma observação ao pé, foi psicografado por Chico Xavier no dia 9 de abril corrente.

Essa mensagem nos traz uma revelação surpreendente: entre os mortos, ou os “desencarnados” como querem os espíritas, podem também ocorrer casos de “assombramento” e de “sustos”...

10

OUTRA CRÔNICA DE HUMBERTO DE CAMPOS – “... SEM PENSAR NO RELÓGIO QUE REGULAVA OS NOSSOS ATOS NO PRESÍDIO DA TERRA, NEM NOS PONTEIROS DO ESTÔMAGO...” – DOIS DEDOS DE PROSA COM O CORONEL CANTIDIANO – O “F.”

PEDRO LEOPOLDO, 26 (Do enviado especial do GLOBO, Clementino de Alencar) – A crônica de Humberto de Campos a que nos referimos, ao fim da correspondência enviada esta manhã, tem um título: “Na mansão dos mortos”. Conforme a observação escrita ao pé, foi psicografada por Chico Xavier a 9 do corrente.

Nela, nos é feita uma narrativa verdadeiramente curiosa e impressionante e capaz de demonstrar como não estão definitivamente sepultados os segredos que a morte levou...

Essa crônica é a seguinte:

— O amigo sabe que os fotógrafos ingleses registraram a presença de Sir Conan Doyle no enterro de Lady Gaillard?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel Cantidiano da Cunha que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia, por desfastio, as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornamos camaradas. Há muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma arteriosclerose generalizada. Tempo vai, tempo vem, defrontamo-nos de novo no vagão infinito da Vida, em que todos nós viajamos através da eternidade.

E, como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, ali estávamos os dois, “tête-à-tête”, sem pensar no relógio que regulava os nossos atos no presídio da Terra, nem nos ponteiros do estômago que aí trabalham com demasiada pressa.